

Fleury fecha acordo sobre dívida

Uma hora e meia de almoço foi suficiente para que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e o governador de São Paulo, Luís Antonio Fleury, anunciassem ontem um acordo político, encerrando três dias de guerrilha contra a intenção contida no plano FHC de se cobrar dívidas atrasadas de estados e municípios. "O plano está no caminho certo, e nossos técnicos agora vão sentar para fazer um encontro de contas. Se São Paulo estiver devendo, iremos renegociar a dívida", disse Fleury, que foi levado à portaria do Ministério da Fazenda pelo ministro. No Congresso, Fleury disse depois que é necessário acabar com o jogo de faz-de-conta, em que o Governo faz de conta que paga e os governadores fazem de conta que recebem". Ele defendeu uma definição "precisa" dos compromissos de cada lado.

No almoço com Fernando Henrique, o gelo foi quebrado quando o ministro afirmou que, se o encontro de contas mostrar ser a União devedora do Estado de São Paulo, o Ministério da Fazenda pagará até o último centavo. "Para nós foi fundamental o Ministério da Fazenda reconhecer que tem dívidas com São Paulo", explicou mais tarde Fleury. Ele contestou com veemência que São Paulo deva à União 13,6 bilhões de dólares, como foi publicado pela imprensa, citando como fonte a Secretaria do Tesouro Nacional.

Sem pressão — O governador acredita que a dívida vencida esteja próxima de 1 bilhão de dólares, levando em conta que São Paulo pretende receber 5,1 bilhões de dólares devidos pela União ao estado e suas empresas estatais. O governo paulista admite uma dívida com o Tesouro Nacional de 6,2 bilhões de dólares. Fleury, com a concordância do ministro Fernando Henrique, disse não reconhecer pressões dos governadores contra o plano. "Até a mim não chegou nenhuma pressão e, se chegasse, seria inútil, porque o que tiver de ser cortado será cortado, simplesmente porque não há dinheiro para tudo", assinalou Fernando Henrique.

Apesar da troca de gentilezas entre Fleury e Cardoso, nem tudo são flores no relacionamento de Fleury com o Governo Federal, mesmo depois da nomeação do novo ministro da Agricultura, Barros Munhoz. O governador disse que ainda há muitos pontos a serem discutidos. Ele fez duras críticas aos repasses do Governo Federal para a área de saúde. "São Paulo teve um corte de Cr\$ 422 bilhões, em março, o que nos levou a fazer um corte de 58 por cento nos serviços municipais de saúde.

O que pretendemos é simplesmente o reconhecimento da discriminação praticada contra São Paulo. Recebemos agora a tabela de reajustes das unidades

de consultas ambulatoriais relativas a julho. Enquanto o reajuste médio no Brasil foi de 36 por cento, o de São Paulo foi de 29 por cento. Por que isso? Queremos saber qual é a razão", declarou.

Transparência — Fleury disse que defende a rolagem da dívida dos estados "desde 16 de março de 91" e que, agora, vê "vontade política do ministro da Fazenda de resolver esse assunto de forma absolutamente transparente, colocando também as questões relativas à dívida do Governo Federal para com os estados". O governador acredita que a rolagem das dívidas estaduais, somada ao encontro de contas com o Governo Federal, será apoiada também pelos outros governadores.

O governador disse ainda estar "extremamente satisfeito" pelo fato de o Ministério da Fazenda ter admitido que o Estado de São Paulo está com suas contas em dia. "Derrubamos este grande mito de que São Paulo era um grande devedor". O governador revelou que, normalmente, o Estado de São Paulo compromete 12 por cento de suas receitas líquidas com a rolagem da dívida, mas que, em alguns meses, esse percentual sobe para 23 por cento. Para ele, o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, não terá dificuldades para conseguir um pacto nacional em torno de seu plano econômico.